



REPRESENTAÇÕES DE ALUNOS E ALUNAS DA PEDAGOGIA SOBRE A PRESENÇA DE HOMENS NO CURSO E NO MUNDO DO TRABALHO EDUCACIONAL

Tatiane Patrícia Resende¹
Fabio Pinto Gonçalves dos Reis²

Resumo

O presente artigo busca analisar as representações de alunos e alunas matriculados/as no curso de Pedagogia sobre a presença de homens e a sua inserção no mundo do trabalho educacional. Para tanto, desenvolvemos uma abordagem qualitativa e coletamos as informações obtidas por meio de entrevistas com roteiro semiestruturado com alunos/as do referido curso. Para análise do material, ancoramo-nos nos estudos de gênero, feministas e pós-estruturalistas na tentativa de verticalizar as interpretações das narrativas produzidas. Constatamos que colocar em suspeição esses lugares de formação inicial, seus currículos, as práticas e as interações que ali acontecem é fundamental para desconstruir estereótipos e representações hegemônicas sobre a docência.

Palavras-chave: Identidades. Gênero. Formação inicial. Professores/as.

Introdução


O presente texto visa problematizar as representações de alunos e alunas no processo de formação inicial de professoras/as no curso de Pedagogia, modalidade presencial, de uma universidade pública localizada ao sul de Minas Gerais, sobre a presença de homens no curso e a sua inserção no mundo do trabalho educacional. Consideramos que historicamente a Pedagogia passou a ser um espaço de reserva feminina, mais especificamente a partir do início do século XX. Tal fenômeno instituiu a compreensão de que a mulher é educadora por natureza ou por vocação e isso, consequentemente, limita a presença de homens nesse curso de formação superior.

Temos como propósito central buscar desvelar essas representações, a partir das questões norteadoras desta pesquisa: quais são as representações de alunos e alunas da Pedagogia sobre a inserção dos homens nesse curso? Como esses processos de formação inicial podem constituir identidades docentes? Para dar conta disso, utilizamos uma

¹ Mestranda em Educação - Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Federal de Lavras - UFLA. E-mail: tatiprufla@gmail.com

² Professor Adjunto IV na Universidade Federal de Lavras. E-mail: fabioreis@def.ufla.br





abordagem qualitativa e coletamos as informações obtidas com alunos/as do curso de Pedagogia por meio de entrevistas-narrativas (ANDRADE, 2012) com roteiro semiestruturado. A interpretação desse material empírico foi feita com base na perspectiva foucaultiana de problematização e na análise do discurso. Ancoramo-nos teoricamente também nos estudos de gênero, nos estudos feministas e pós-estruturalistas na tentativa de verticalizar as interpretações dessas narrativas.

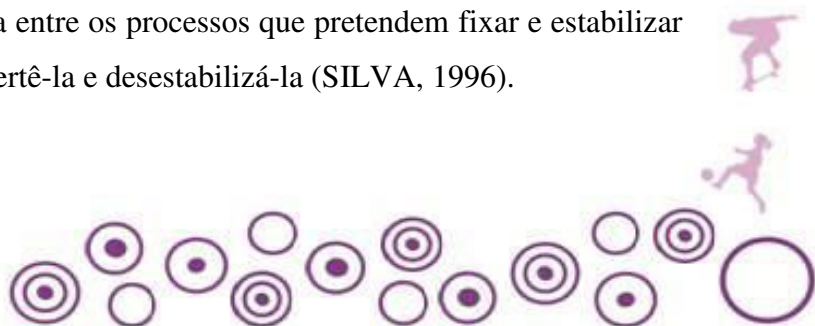
Para perscrutarmos a constituição das identidades docentes masculinas no contexto da formação inicial de professores/as, buscamos a compreensão do conceito de gênero, de identidade(s) e diferença(s). Nossos estudos apontam para esses conceitos enquanto construções discursivas e nos permitem estabelecer diversas relações com a docência em construção e o estabelecimento das identidades desses/as profissionais da educação.


Identidade(s), gênero e formação de professores/as

A formação das identidades docentes está relacionada a questões culturais, sociais e históricas que antecedem a entrada dos sujeitos no ambiente universitário. Assim, a identidade não é um fato autônomo ou independente, não se esgota em si mesma, não é elemento do biológico/natural. A identidade é uma criação cultural e social e é extremamente dependente da diferença. Para Silva (1996):

A identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato - seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (p. 96-97).

Para o autor, essas relações têm o poder de definir a identidade e de marcar a diferença, pois elas são impostas e implicam em operações de incluir e excluir. A tentativa de imposição de uma identidade de gênero e o estabelecimento de fronteiras na ocupação de respectivos “papeis” sociais são algumas marcas que ecoam na formação de professores/as. Ao classificar os sujeitos, “a sociedade estabelece divisões e atribui rótulos que pretendem fixar as identidades. Ela define, separa e, de formas sutis ou violentas, também distingue e discrimina” (LOURO, 2001, p. 16), reforçando estereótipos e produzindo desigualdades. Contudo, a produção da identidade oscila entre os processos que pretendem fixar e estabilizar a identidade e outros, que tendem a subvertê-la e desestabilizá-la (SILVA, 1996).





O contexto social e cultural no qual estão imersos crianças, jovens e adultos está permeado por relações de poder. A educação não é neutra, assim como nenhuma instituição é neutra, nem mesmo as instituições de ensino superior. Nesse sentido, Castro (2011) considera que “as representações de gênero incidem na socialização infantil e adolescente, nas escolhas que homens e mulheres fazem [...], afetando, de tal forma, os vários setores de suas vidas como a vida afetiva, social e profissional” (p. 9).

Práticas institucionais, discursos totalizantes e normalizantes são lançados em todas as direções. Tudo isso resulta em um aprendizado sutil e sistemático que demonstra como representações de gênero vão sendo assimiladas e passam a orientar as ações dos sujeitos. Diante disso, percebemos como nossa sociedade é marcada por relações de gênero e isso atravessa também os cursos de graduação, em nível de ensino superior.

Na esteira desse debate, Louro (1992) destaca o caráter relacional do gênero no que se refere:

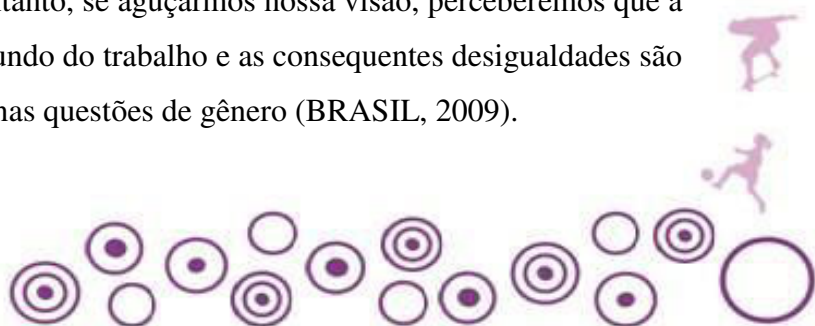
[...] a importância de se entender o fazer-se homem ou mulher como um processo e não como um dado resolvido no nascimento. O masculino e o feminino são construídos através de práticas sociais masculinizantes ou feminilizantes, em consonância com as concepções de cada sociedade. Integra essa concepção a ideia de que homens e mulheres constroem-se num processo de relação (p. 57).

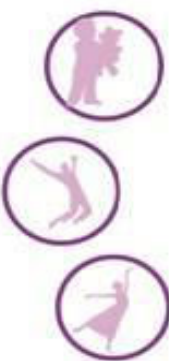
Assim, homens e mulheres são produtos dessas práticas sociais e não decorrência da anatomia de seus corpos. As masculinidades e as feminilidades, produzidas socialmente, nos são repassadas de maneira natural e universal, como se fosse a única forma possível de existir no mundo. Sobre isso, Louro (2004) afirma que:

[...] as normas regulatórias do sexo têm, portanto, caráter performativo, isto é, têm poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam e, sendo assim, elas repetem e reiteram, constantemente, as normas dos gêneros na ótica heterossexual (p. 44).

Em outras palavras, as prescrições de cada gênero vão se transformando em representações do ser homem e do ser mulher que, se não questionadas, passam a se incorporar aos modos de ser de cada um. O grande problema é a consequente desigualdade entre os gêneros que essas representações causam, assim como, a discriminação dos que não se adaptam a nenhum desses modos de ser.

A princípio pode parecer que as escolhas ou modos de inserção na vida acadêmica, pessoal e profissional sejam consequência de aptidões e preferências naturais, capacidades distintas entre homens e mulheres. No entanto, se aguçarmos nossa visão, perceberemos que a distribuição de homens e mulheres no mundo do trabalho e as consequentes desigualdades são reflexos da diferenciação social pautada nas questões de gênero (BRASIL, 2009).





Nesse viés, deveria ser comum nos questionarmos: por que há uma expressiva diferença no número de homens e mulheres matriculados/as nos cursos de licenciatura em Pedagogia? Por que nesse curso há o predomínio de mulheres? Por que a docência é uma profissão pouco valorizada socialmente? Essas são questões que ainda passam despercebidas pela maioria das pessoas, ou pouco se discute sobre elas, mas que revelam a necessidade de refletirmos o quanto o gênero e a produção social das masculinidades e feminilidades deixam suas marcas no processo de formação docente.

As considerações expostas até o momento demonstram, portanto, a necessidade de problematizarmos o fato de que os discursos que circulam na nossa sociedade produzem marcas, estabelecem estereótipos, demarcam fronteiras, afirmam e tentam fixar a identidade de mulheres e homens. Sendo assim, precisamos considerar que nossas ações incidem sobre a constituição das identidades docentes dentro e fora dos espaços de formação. Daí a importância das resistências cotidianas dos sujeitos frente às relações de poder, a fim de que possam se posicionar de forma crítica e subversiva, resistindo aos discursos normalizadores.


Problematizando o processo de constituição das identidades docentes na Pedagogia

A partir da reprodução da representação de que as mulheres são educadoras por natureza, principalmente quando se refere à educação de crianças, muitas desigualdades entre os gêneros se perpetuam e são reforçadas. Isso pode ser percebido dentro do espaço universitário, mas toma proporções ainda maiores porque essa desigualdade perdura também na vida pessoal e profissional de homens e mulheres. Igualmente também daqueles/as que não se enquadram nesse binarismo e que, portanto, são ainda mais marginalizados/as.

Gênero é a categoria que permeia todo o material empírico da mencionada pesquisa. Os discursos socialmente empregados e veiculados, as relações de gênero e a inserção no mundo do trabalho, já que se trata da maioria de estudantes trabalhadores/as, são marcas recorrentes nas narrativas dos/as discentes investigados/as. Tais questões afetam os processos de ensino como um todo e atravessam toda a pesquisa e, por isso, merecem ser problematizadas.

De acordo com as representações das discentes, *os discentes homens que se encontram nesse espaço são tidos como pouco interessados ou como aqueles que vislumbram outras possibilidades para além da docência* (Aluna 1). Mas quando se dá voz a esses sujeitos, observamos que muitos dos desafios que surgem em seus percursos acadêmicos são relacionados às questões de gênero. *Ser homem e ensinar crianças é um desafio tanto ao que*





se diz respeito à própria escola quanto à família e por isso buscamos por “rotas alternativas” (Aluno 1).

As “rotas alternativas” são as demais áreas de atuação em que a Pedagogia habilita o/a profissional para além do trabalho na sala de aula, de modo que os homens envolvidos no curso sabem das barreiras de gênero que dificultam a sua atuação como docentes na instituição escolar. Assim, eles acabam por optar em trabalhar em outros segmentos da educação, tais como: gestão, administração e pós-graduação. Ao mesmo tempo em que isso abre possibilidades de inserção, até que ponto essa segregação dos homens naturaliza determinados lugares de atuação na profissão no tocante às mulheres educadoras?

Buscando ampliar nossa problematização, Melo (2017) nos instiga a pensar acerca dos desafios enfrentados por aqueles e aquelas que não se acomodam diante de tais redes discursivas que tendem fixar suas identidades e se lançam ao risco de percorrer novos e múltiplos caminhos:

A sociedade ocidental se organizou, portanto, sobre padrões normativos rígidos, com premissas de “naturalidade” fazendo com que os indivíduos que, por algum motivo escapam das expectativas e se constituem de modo diferente do previsto, esbarrem na manutenção do poder, tendo que enfrentar grandes desafios para ser e viver como acreditam que devem e desejam (MELO, 2017, p. 50).


Apesar de esbarrarem na manutenção do poder, como bem apontado por Melo, destacamos que todos/as os/as discentes presentes no curso de Pedagogia, principalmente os homens, encontram brechas e linhas de fuga diante desse contexto. Portanto, mostram-se resistentes ao serem bombardeados cotidianamente por discursos em várias direções que tentam fixar suas identidades. Alguns homens matriculados no curso de Pedagogia se posicionam de forma mais crítica em relação às fronteiras de gênero na profissão, outros adotam uma postura de maior distanciamento em relação ao curso ou à docência.

A problematização dessas questões de gênero nesse espaço/tempo de formação se faz necessária, pois elas implicam diretamente na formação e na postura desses/as discentes frente ao curso, ao mundo do trabalho, às relações sociais, à vida.

Algumas considerações e o que está por vir

O recorte sobre a formação inicial de professores/as decorreu da necessidade de fomentar o debate sobre as fronteiras de gênero na docência, em especial, no que tange a presença de homens no curso de Pedagogia. Nessa direção, concluímos que as representações de homens e mulheres no que concerne a docência masculina na educação básica incorrem sobre a constituição das identidades de todos e todas envolvidos/as. Colocar em suspeição





esses lugares de formação inicial, seus currículos, as práticas e as interações que ali acontecem é fundamental para desconstruir estereótipos e representações hegemônicas sobre a docência. Diante disso, defendemos que a inserção de homens seja problematizada na formação inicial em Pedagogia no que tange a configuração das matrizes curriculares, dos projetos de extensão, das atividades de ensino e pesquisa. Ao refletirmos sobre a construção histórica, social e cultural das diferenças e desigualdades de gênero na atuação de pedagogos/as talvez possamos incitar a inclusão de todos/as no âmbito das diversas atividades formativas e no mundo do trabalho.

Referências

ANDRADE, S. S. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. *In*: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. P. (Org.). **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012. p. 173-194.

BRASIL. **Gênero e diversidade na escola**: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

CASTRO, W. M. **As questões de Gênero interpretadas na visão adolescente**. 2011. 25 p. TCC (Especialização em Gênero e Diversidade na Escola) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2011.

LOURO, G. L. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 6, p. 53-67, 1992.

_____. Pedagogias da sexualidade. *In*: _____. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-34.

_____. Uma política pós-identitária para a educação. *In*: _____. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 27-54.

MELO, A. D. Sexualidade, Religião e as restrições do amor. **Senso**, Belo Horizonte, n. 4, p. 49-51, out./nov. 2017. Disponível em: <<https://revistasenso.com.br/edicao-04-outubro-novembro/#fb0=49>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, T. T. da; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 1996.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

